

A FORMAÇÃO DOS GRUPOS SOCIAIS EM SARTRE

Rogério Andrade Bettoni

Orientadora: Pro^aMs. Maria José Netto Andrade

Resumo: Após a sistematização e elucidação de conceitos relacionados à individualidade humana, presentes na obra "O ser e o nada" (1943), o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) dedicou seus estudos à análise do que seria a sociabilidade e o movimento da História. Em sua obra "Crítica da Razão Dialética" (1960), Sartre afirma que o ser humano, dominado pela materialidade circundante (Prático-Inerte), desenvolve seus projetos a partir da ação individual, ou práxis, o princípio motor de todo o movimento dialético da realidade. A partir desta mesma práxis e de um objeto comum percebido em outros indivíduos, formam-se os grupos sociais, com o sentimento compartilhado de revolta contra o Prático-Inerte. O que pretende-se neste texto é fazer um percurso pela obra de Sartre na busca dos elementos que norteiam esta análise: como os grupos sociais se formam e se organizam, como se dissolvem ou se institucionalizam. Toma-se então como referência principal para este trabalho a obra "Critique of dialectical reason, book 2".

Palavras-chave: Existencialismo. Sociabilidade. Grupos Sociais

Introdução

Entre as contradições mais destacadas da atualidade, podemos citar a que se refere à compreensão das relações que envolvem o indivíduo enquanto inserido na sociedade. Tomando como base o existencialismo sartreano, percebe-se que esta é uma questão que perpassa todo o seu pensamento filosófico, de *O Ser e o Nada* à *Crítica da Razão Dialética*, sem excluir, é claro, seus ensaios e obras de cunho onto-fenomenológico, e ainda os romances e peças de teatro. Segundo Sartre, o homem é um ser que se encontra injustificadamente inserido no mundo, onde se projeta como liberdade em situação, em direção ao futuro. De acordo com o desenrolar de sua existência, ele se constrói;

porém, a sua existência possui relações inerentes e indubitáveis, verificadas fenomenologicamente: ao estar-no-mundo, o homem é automaticamente forçado, em sua práxis, a se relacionar com as coisas, com os Outros, consigo mesmo e principalmente com as instituições. Esta é uma relação indissolúvel e que, segundo Sartre, se dá de forma dialética.

Ora, se estamos inseridos no mundo e nele nos movemos no âmbito de uma liberdade absoluta, isso significa também uma responsabilidade absoluta por nossos atos. Se o homem, pela liberdade e responsabilidade, possui uma constante exigência em fazer seu projeto de ser, esta mesma

liberdade e responsabilidade lançam o indivíduo em direção à sociedade, em direção ao palco onde se desenrolam as suas relações com os Outros, mediadas, nesse sentido, pela materialidade circundante.

A partir desta inexorável relação do homem com o mundo no qual está inserido é que se formam os grupos sociais, objeto de estudo da presente ocupação. Na *Crítica da Razão Dialética*, Sartre não só afirma que a dialética é o princípio motor que possibilita qualquer atividade humana e social, mas procura também estabelecer a inteligibilidade da formação e da desintegração dos grupos sociais. Para tal, ele estuda inicialmente grupos efêmeros, que se formam e se dissolvem com facilidade, passando gradativamente ao estudo de grupos fundamentais da sociedade. Por motivos de espaço, nossa análise quanto as questões que permeiam a estrutura social sartreana se dará na tentativa de buscar o que há de fundamental na constituição de sua estrutura condutora. Nesse sentido, cabe ressaltar a importância da apresentação de conceitos básicos da sociabilidade em Sartre, indispensáveis à compreensão da *Crítica da Razão Dialética*. Tais conceitos passam a ser explicitados agora.

Relações Humanas e Materialidade

De acordo com indicações já presentes em *O Ser e o Nada*, o fundamento da ação humana é encontrado

na *necessidade*, a qual obriga o sujeito a instaurar a sua primeira relação com a objetividade. A necessidade não é simplesmente um estado de falta ou deficiência, mas um estado de dependência do homem frente ao mundo em que vive: o homem é lançado no mundo e dependente dele. Sendo assim, a necessidade é característica específica do homem, marcando tanto a sua relação com as coisas quanto com os Outros, numa *reciprocidade*.

A reciprocidade, por sua vez, sendo uma relação humana fundamental, consiste no reconhecimento do Outro tanto como sujeito e práxis como também um meio para alcançar uma finalidade da qual eu também sou um meio¹. As relações humanas, como mediadoras da materialidade e mediadas por ela, se encontram no campo da reciprocidade, que é também a condição de possibilidade para qualquer agrupamento humano. Tais relações estão presentes, segundo Sartre, em qualquer momento da História, seja qual for o conteúdo que possuam ou em qual contexto estejam inseridas². Porém, só se dão a conhecer pela mediação de um terceiro elemento que, excluído desta relação, a percebe como tal.

Mas as relações humanas, enquanto realidade concreta, muitas vezes se

¹ Cf. MORAVIA, Sergio. *Sartre*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 106.

² SARTRE, Jean-Paul. *Critique of dialectical reason*, v. 1: theory of practical ensembles. Translation: Alan Scheridan-Smith. New York: Verso, 1991, p.200.

configuram como antagonicas e negativas, perpassadas pela escassez objetiva de bens que é causadora da hostilidade entre os homens: a *raridade*. Enquanto realidade de fato, a raridade é um desequilíbrio entre a quantidade de bens naturais e a quantidade de seres em necessidade. Mas ela também se expressa socialmente como a relação primeira e universal que o homem possui tanto com a materialidade que o circunda quanto com os homens entre si. Na luta para vencer a escassez podemos encontrar, então, o fundamento de toda e qualquer relação social conflituosa e de reciprocidade entre os homens.

Mas a partir de quê e de onde se configuram as relações de necessidade, reciprocidade e escassez entre os homens? Nada menos do que na materialidade, no campo do *Prático-Inerte*, um mundo objetivo que o homem, ao nascer, encontra pronto e fixado por ações produzidas antes da sua existência. Nesse sentido, o *Prático-Inerte* é o fundamento não só da mudança como também da servidão e opressão entre os homens. A realidade material constitui uma "ameaça" que paira constantemente sobre todas as ações e iniciativas humanas. Para que o homem construa sua essência, ele tem necessidade do *Prático-Inerte* que, ao mesmo tempo em que se mostra como limite à ação humana, age como força propulsora, capaz de levar os indivíduos a se reunirem em grupos para vencê-lo. Nesse sentido, podemos observar que os conceitos explicitados acima

não somente estão interligados e concomitantes, mas são também a base que nos possibilitará compreender a teoria dos grupos no pensamento de Sartre.

Grupos Sociais: A Possibilidade Dialética de Formação, Organização, Dissolução e Institucionalização

Apesar de lançado no mundo onde o homem está por construir o seu ser e a sua essência, dominado pelo *Prático-Inerte* e mantendo relações fundamentais com a materialidade e com os Outros, o homem possui características que são, com efeito, a possibilidade dialética de sua mudança e da mudança da materialidade, mudança esta impressa por sua práxis: como sujeito cultural, o homem "tem a possibilidade de viver ou de realizar uma *cultura dialética* que o distancia e o liberta da própria inércia material e natural"³. E como sujeito histórico ele tem ainda a possibilidade de efetuar uma autêntica "inversão do campo da prática inerte"⁴. Somente levando em conta tais fatos é que podemos entender como os grupos sociais se formam e se estruturam.

O grupo nada mais é do que uma prática ativa e intencional de sujeitos humanos reunidos num conjunto. Diz Sartre que

(...) the necessity of the group is not

³ MORAVIA, Sergio. Op. Cit., p. 109.

⁴ Ibidem, p.109.

present *a priori* in a gathering. (...) Through its serial unity (...) the gathering furnishes the elementary conditions of the *possibility* that its members should constitute a group.⁵⁶

Numa situação constituída pelo conjunto dos homens e das coisas, os homens estabelecem relações de reciprocidade e de entendimento, formando uma simples comunidade hostil. O modo de ser destes indivíduos congregados apenas por relações formais (a espera de um ônibus ou as compras do mercado, por exemplo) é definido por Sartre como *serial*. Na série, a relação entre os indivíduos não é capaz de levar a cabo uma iniciativa em comum. Mas é a partir desta mesma serialidade, e dentro dela, que os grupos se formam, quando o livre exercício da práxis inicia uma luta para vencer, na série, o que lhe foi imposto pelo Prático-Inerte. Vejamos esta questão por outro ângulo.

Segundo Sartre, a práxis do indivíduo é o que fundamenta a História humana ao mesmo tempo em que se constitui no fator básico capaz de determinar as ações dos grupos humanos:

it is *praxis* which creates the group, and which maintains it and introduces its first internal changes to it. In the

⁵ SARTRE, Jean-Paul. Op. Cit., p.345. "(...) a necessidade do grupo não se encontra *a priori* numa reunião. (...) Através de sua unidade serial (...) a reunião fornece as condições elementares da *possibilidade* de que seus membros constituam um grupo." (Tradução livre).

moment of the *praxis* of organisation and anticipation, it is the group which guarantees that every separate action is a common action or, to put it differently, it is the group as a reality which produces the unity of the common *praxis*.⁷

O grupo, assim, surge a partir de uma relação espontânea contra a vida serial e se apresenta como uma organização livre de indivíduos, a qual se constitui como "negação" do coletivo na medida em que é uma agregação forçada pela situação dada, e contra ela. Sartre argumenta ainda que a consciência de um grupo se forma porque cada integrante capta a sua condição e a dos demais como vistas por consciências alheias para quem esse conjunto de pessoas existe como objeto de observação⁸. Assim, essa seria a forma mais elementar do grupo, caracterizada por ele como *grupo-em-fusão*: nasce com base numa estrutura material dada (um bairro, por exemplo) e a partir da necessidade ou de um perigo comum, ao qual reage com uma prática comum.

⁷ Ibidem, p. 418. "é a práxis que cria o grupo, o mantém e introduz nele sua primeira mudança interna. No momento da práxis de organização e expectativa, é o grupo que garante que cada ação separada seja uma ação comum ou, em outras palavras, é o grupo como uma realidade que produz a unidade da práxis comum". (Tradução livre)

⁸ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade*. Porto Alegre: L & PM, 1995, p. 207-13. Sartre fala ainda da impossibilidade de um grupo existir como "Ser-coletivo", pois os integrantes de um grupo, vistos por um terceiro excluído, podem se sentir como "os mesmos", mas nunca como "consciência coletiva", como queria Marx. Apesar de agrupadas, as consciências continuam isoladas umas das outras, na subjetividade de cada indivíduo.

No grupo, a práxis individual redescobre a sua capacidade de agir de acordo com uma finalidade, que sempre está ligada a um determinado incidir sobre a realidade. Os indivíduos tornam-se membros de uma intersubjetividade, onde todos reconhecem o Outro como um "mesmo", e com ele desenvolvem uma relação de reciprocidade imediata. "É o comportamento de uma multidão percorrida por uma vontade de ação comum"⁹, onde todos visam uma solução a partir de um perigo exterior, uma ameaça que paira sobre todos.

O grupo, apesar de motivado por esta práxis grupal, não pode existir como um "Ser-concreto", algo fixo e permanente, pois a liberdade aqui agrupada não possui nada de concreto que estabeleça o grupo em bases definitivas de existência. Uma vez conquistado o fim comum, o grupo sofre uma ameaça de dissolução: ele se dispersa enquanto práxis comum e cada integrante volta a sentir-se em práxis individual. Para conservar-se em atividade, o grupo deve lançar-se em novos projetos.

Segundo Sérgio Moravia, Sartre possui um mérito que é o de ter analisado cuidadosamente as estruturas, os atos formais e invariáveis através dos quais o grupo-em-fusão procura permanecer como tal, não se dissolvendo na série novamente¹⁰. O risco de dissolução provém do seguinte fato: extinta a pressão-motivação exterior

⁹ MORAVIA, Sergio. Op. Cit., p. 111.

¹⁰ Cf. Ibidem, p.112.

à ação do grupo, extingue-se a evidência de uma práxis comum. Desta forma, para impedir que o grupo se dissocie em novas práticas individuais, propõe-se a si mesmo como um fim para seus membros, constituindo-se em novas formas de grupo, sendo a primeira delas o *grupo juramentado*. Os indivíduos, neste caso, mantêm sua reciprocidade não mais através de uma "solicitação concreta e real"¹¹, mas na base de um ato formal de "juramento". O grupo, assim, tende a definir e controlar a prática individual no quadro de uma prática coletiva.

O juramento não deixa de ser um exercício de livre escolha dos indivíduos. Porém, segundo Sartre,

we must be careful not to confuse this with a *social contract*. (...) The group tries to make itself its own tool against the seriality which threatens to dissolve it; it creates a factitious inertia to protect it against the threats of the *pratico-inert*.¹²

Mas não basta apenas a palavra dada pelos indivíduos de que o grupo não se afetará pelo juramento. O grupo agora tende a novas exigências e, para isso, necessita de estrutura, de organização interna, onde passa de grupo juramentado a *grupo*

¹¹ Ibidem, p. 112.

¹² SARTRE, Jean-Paul. Op. Cit., p. 420-21. "devemos tomar cuidado para não confundi-lo com um *contrato social*. (...) O grupo tenta fazer de si mesmo sua própria ferramenta contra a serialidade que ameaça dissolvê-lo; ele cria uma inércia factícia para o proteger contra as ameaças do Prático-Inerte". (Tradução livre).

organizado. A palavra "organização", aqui, designa tanto a ação interna pela qual o grupo define suas estruturas¹³ quanto o grupo em si mesmo enquanto uma atividade estruturada no campo prático, seja na matéria trabalhada ou em outros grupos.

So, whether or not a pledge was really made, the organisation of the group becomes the immediate objective. (...) And the unity of the group is nowhere but in everyone, as a pledge.¹⁴

Este é o grupo organizado que, por um lado, vê nos sujeitos livres o seu próprio meio de existência mas, por outro lado, vê também um obstáculo à sua unidade.

Após descobrir na materialidade as exigências a serem trabalhadas, o grupo se desdobra em várias ocupações, onde tarefas são distribuídas entre seus membros que agora passam a cumprir múltiplas práxis individuais. As ações passam a ser mutuamente necessárias umas às outras, e a práxis comum só pode ocorrer por causa das práxis individuais que a integram, ou seja, cada membro compreende que a sua função é ne-

¹³ Ao falar em estrutura, neste momento da *Crítica*, Sartre empreende discussão acirrada com o estruturalista francês Claude Lévi-Strauss, levantando questões no seu pensamento que seriam contraditórias. Para um melhor esclarecimento do antagonismo entre Sartre e os estruturalistas, conferir DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. Campinas: Ensaio, 1994. 2v.

¹⁴ SARTRE, Jean-Paul. Op. Cit., p. 443. "Então, se um juramento foi ou não realmente feito, a organização do grupo se torna seu objetivo imediato. (...) E a unidade do grupo não está em nenhum lugar, mas em cada indivíduo, como um juramento". (Tradução livre)

cessária às funções dos outros membros, e vice-versa.

Organization, then, is *both* the discovery of practical exigencies in the object *and* a distribution of tasks amongst individuals on the basis of this dialectical discovery¹⁵.

Ora, dissolvido em inúmeras práticas individuais, o grupo agora encontra-se disperso no espaço e no tempo: seus membros estão distanciados e misturados com os não-agrupados, sofrendo a força dispersiva do Prático-Inerte. Sua unidade, neste sentido, é novamente ameaçada: a impossibilidade de alçar-se como Ser-concreto exige um trabalho de reorganização incessante de sua própria organização interna para combater a desorganização que está por vir. Novamente é preciso resistir à alteridade e à inércia que começam a corroer o grupo e, para isso, o grupo passa a agir sempre com maior intensidade sobre si mesmo, e transforma sua práxis em processo.

A análise de Sartre a respeito do grupo organizado e de seu perigo imediato de dissolução é exaustiva, sendo impossível esgotar suas possibilidades no presente texto. O perigo de dissolução, como dito acima, está no simples fato de que, na distribuição de tarefas entre os indivíduos e seus determinados subgrupos, cada indivíduo está constantemente ameaça-

¹⁵ Ibidem, p. 446. "A organização, então é *tanto* a descoberta de exigências práticas no objeto *quanto* uma distribuição de tarefas entre os indivíduos na base desta descoberta dialética". (Tradução livre)

do pela materialidade e pela serialidade que, por vezes, o impede de agir com vistas ao fim comum do grupo. É preciso que o grupo incorpore novas medidas, mais poderosas inclusive que sua organização. Por isso a práxis de cada indivíduo se torna um processo visando um fim comum, o de tornar o grupo organizado uma *instituição*.¹⁶ O processo seria algo como o reverso da práxis: as estruturas inertes da serialidade assumem cada vez um poder maior e as ações dos indivíduos vão se tornando cada vez mais passivas. Em outras palavras, quando a práxis comum vira processo, surge o *grupo institucionalizado*.

Ao transformar-se em instituição, o indivíduo deixa de ser essencial e passa a ser um elemento que é pura e simplesmente submetido às finalidades gerais da instituição. Neste caso, o grupo passa a exercer um certo controle sobre os indivíduos, assinalando assim a afirmação da hierarquia, da burocracia e da autoridade. Esta nova forma de grupo se torna, assim, um sistema fechado e estático, identificável pela força de seus códigos de conduta, suas leis, sua estrutura estabilizada, "e também pela redução da práxis individual a limites severos"¹⁷. O poder, assim, é eliminado dos indivíduos e entregue a um único ente, que Sartre chama de *soberano*.

É inevitável deixar de falar aqui no

processo de *burocratização* que se inicia nesta fase do grupo institucionalizado.¹⁸ A burocracia é um sistema hierárquico no qual os elementos inferiores são inertes instrumentos manipulados pelo elemento superior, o soberano, que imprime ordens tentando encarar como sua a práxis de todos. Nesse sentido, pode-se dizer que o grupo alcança a sua última possibilidade de existência, a de agir como organização em um Estado. E o Estado, por sua vez, como todo soberano, supõe estar atuando como práxis comum quando, na verdade, lida somente com os indivíduos em série. A instituição da soberania destrói todo o resíduo de integração social. E esta estabilidade se dá claramente através de uma prática e em torno de um sujeito que já não estão no grupo e nem a ele pertencem: "os indivíduos sentem-se unificados apenas através de algo que se encontra no seu *exterior*."¹⁹ Instituída para combater a tendência do grupo para a dispersão e serialização, a soberania acaba, assim, por acentuar esse processo e mesmo por personificar no seu individualismo a atomização geral do grupo institucionalizado. Apesar de ter sido originado na e pela série, e talvez exatamente por este fato, o grupo mostra não ter cortado todos os laços com a mesma. Da mesma forma que o homem está condenado a ser livre, o grupo é condenado a uma inexorável degradação, e volta a cair na serialidade, onde a liberdade e a práxis retorna

¹⁶ Cf. Ibidem, p. 576-663.

¹⁷ PERDIGÃO, Paulo. Op. Cit., p.240.

¹⁸ Cf. SARTRE, Jean-Paul. Op. Cit., p.655-63.

¹⁹ MORAVIA, Sergio. Op. Cit., p.114.

ao seu seio: os próprios indivíduos.

Considerações Finais

Após a análise que fizemos até aqui é impossível negar que, na estrutura geral da *Crítica*, algumas das antigas idéias de Sartre tenham permanecido, ainda que sob formas parcialmente novas. Assim como em *O Ser e o Nada*, o pensamento sartreano continua a se estruturar de forma dialética: por um lado, existe uma subjetividade que se configura em ação, em liberdade e projeto; por outro lado existe uma objetividade que é obstáculo, inércia e alienação. A prática, nesse sentido, é dirigida pelos homens contra as estruturas e as coisas. Até mesmo o Prático-Inerte, que se configura como ameaça, parece realmente ter a possibilidade de condicionar o homem, e não apenas metaforicamente, o que implica uma revisão da liberdade e responsabilidade absoluta expressa em *O Ser e o Nada*.

Tendo em vista tudo o que foi falado acima, é possível perceber também que, ao contrário do que possa se dizer à primeira vista, Sartre não

rompe, nesta nova linha de pensamento, com sua ontologia fenomenológica. Ao se propor um estudo sobre as estruturas da sociedade, o que Sartre procurou foi simplesmente tentar fundar no próprio homem uma Antropologia de cunho existencial-humanista. Revendo pensadores como Engels e Marx, Sartre incorpora algumas das teses fundamentais do marxismo, dando a este um caráter existencial interpretado por muitos como o que faltava ao marxismo.

À guisa de conclusão, podemos afirmar que a estrutura social sartreana, desta forma, se dá de maneira cíclica: o grupo se origina na série, evolui em combate com o Prático-Inerte e se petrifica na série, onde servirá de alicerce e sustentáculo à novas práxis que tentarão exterminar esta mesma serialidade. Assim como o Para-si se constata como uma totalização-em-curso, ou seja, um processo em constante desenvolvimento pela busca de algo concreto, o grupo, buscando solidez e permanência, encontra-se também num incessante processo de totalização que jamais se efetiva em definitivo. "O ser humano é condenado a ser livre".

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Maria José Netto. *Indivíduo e sociedade: dois pilares do projeto sartreano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. (Tese de Mestrado)
- BORNHEIN, Gerd A. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*. Campinas: Ensaio, 1994. 2v.
- LAING, R. D., COOPER, D. G. *Razão e violência: uma década da filosofia de Sartre (1950-1960)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

MORAVIA, Sergio. *Sartre*. Lisboa: Edições 70, 1985.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *Critique of dialectical reason*, v. 1: theory of practical ensembles. Translation: Alan Scheridan-Smith. New York: Verso, 1991.

_____. *Crítica de la razón dialéctica*, tomo I: teoría de los conjuntos prácticos. 2 ed. Trad.: Manuel Lamana. Buenos Aires: Lasada, 1970.

_____. *Marxismo e existencialismo*. Trad. Luiz Serrano Pinto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

_____. *O existencialismo é um humanismo; Questão de método*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Metafísica e História no romance de Sartre*. In: *Cult, Revista Brasileira de Literatura*, n.º 34, maio de 2000, p. 58-63.